

## A caracterização discursiva de reportagens sobre ciência e tecnologia no MGTV 1ª edição

Mariana Ramalho Procópio Xavier<sup>1</sup>

Marcos Vinicius Meigre e Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa a analisar as reportagens exibidas no quadro MGTec do telejornal MGTV 1ª edição, da TV Integração de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O objetivo principal foi realizar uma análise dessas reportagens, de modo a observar a estruturação discursiva delas, bem como as principais visadas do discurso telejornalístico de ciência e tecnologia. O referencial teórico utilizado foi centrado nas contribuições de Patrick Charaudeau. Por meio das análises, foi possível perceber que em se tratando de tecnologia, há uma variedade significativa de visadas discursivas utilizada para tratar da temática, com vistas a auxiliar na popularização de tais conhecimentos.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Ciência e Tecnologia; Telejornalismo; Visadas discursivas; Divulgação científica.

**Abstract:** This article aims to analyze the reports displayed in the newscast “MGTV 1st edition”, transmitted by the station “TV Integração” of Juiz de Fora, Minas Gerais. The main objective was to analyze these reports in order to observe their discursive structure as well as the main target of television discourse about science and technology. The theoretical point of view was focused on the contributions of Patrick Charaudeau. By means of the analysis, it was possible to notice that when it comes to technology, there is a significant variety of targets used to treat the subject with a view to assisting in popularizing such knowledge.

**Keywords:** Discourse Analysis, Science and Technology; Newscast; Targeted discursive; scientific dissemination.

### 1) Introdução

As inovações referentes ao campo da ciência e tecnologia têm alcançado novas dimensões no âmbito da comunicação, devido ao espaço que tais discussões ganham nas mídias e, pela interferência direta do tema na organização social, despertando, por conseguinte, o interesse pelo assunto (BELDA, 2002). Os meios de comunicação são importantes instrumentos de divulgação científica, na medida em que atuam como mediadores entre as fontes produtoras desse tipo de conhecimento e a sociedade.

Todavia, para que o propósito da divulgação científica seja eficiente pelos meios de comunicação, é necessário que haja uma adequação da linguagem a ser utilizada, para que o processo comunicativo seja plenamente atendido. Ciência e tecnologia encontram barreiras em sua popularização pelo fato de se estruturarem num modelo de comunicação

<sup>1</sup> Doutora em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa.

<sup>2</sup> Estudante do 8º período do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Bolsista PIBIC/CNPq.

diferenciado, organizado sob uma linguagem rebuscada e distante da sociedade em geral. Ao serem levadas para as mídias, essas duas áreas precisam passar por uma reconfiguração que lhes dê o suporte mínimo para dialogar diretamente com as camadas sociais para as quais pretende levar tal conteúdo. Como Bueno (1984) explica, a linguagem é o diferencial entre os modos de diálogo relativo à ciência, a depender do público ao qual se destina.

Nesse sentido, o jornalismo científico surge como uma ferramenta voltada para o trabalho de popularização da ciência, tendo em vista a necessidade de adaptação da linguagem científica para que possa ser apresentada ao público. Antes, porém, a divulgação da ciência deve ser apreendida como uma dinâmica distinta da disseminação científica. A disseminação científica traz

a informação de estudos científicos divulgados em revistas que interessa apenas para pesquisadores e estudiosos. (...) é a circulação de informações científicas e tecnológicas entre os especialistas de uma área ou áreas conexas. Já a divulgação científica, é a informação sobre estudos científicos para pessoas leigas no assunto, para o público em geral. (ZAMBONI, 2001, p. 46-47).

No Brasil, a divulgação científica, estruturada para chegar ao público de modo que ele reflita quanto às questões técnicas da área, começou a se destacar ainda na época da ditadura militar, conforme destaca Pretto:

A divulgação científica no Brasil começa a ganhar espaço de mais destaque a partir do início da década de 70, com a veiculação do programa “Fantástico”, da Rede Globo de Televisão, de matérias produzidas basicamente por seus correspondentes abordando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia nos países desenvolvidos, especialmente nos Estados Unidos. (PRETTO, 1993, p 94)

Percebe-se, pois, que a televisão teve grande importância nesse processo de valorização da divulgação científica. Embora exista um pensamento corrente de que a televisão seja “um meio de comunicação destinado, exclusivamente, ao entretenimento” (COUTINHO, 2012, p.22), é possível observar que a TV tem também a função de informar e educar, enfatizando seu potencial de dialogar com a sociedade, com base numa linguagem simplificada e objetiva. Ao tratar de temas científicos e tecnológicos, a TV assume o papel de realmente mediar o diálogo do público com os processos sociais que lhe envolvem e frequentemente não lhe chegam ao conhecimento. Ainda, a divulgação científica pela TV ajuda a construir um processo educativo na sociedade, de modo que a

população se familiarize com conteúdos distintos aos que habitualmente estão envolvidos e pautam suas discussões rotineiras.

É nesse contexto que inserimos o estudo por nós realizado<sup>i</sup> e que por hora apresentamos algumas discussões. Buscamos analisar a divulgação científica em âmbito regional, com base nos conteúdos difundidos pela emissora local TV Integração, afiliada da Rede Globo de Televisão. Nesse artigo, procuramos observar a organização discursiva de algumas matérias do quadro MGTec exibido em um dos telejornais dessa emissora, com o intuito de verificar, principalmente, as visadas discursivas dessas reportagens, isto é, os objetivos primordiais que elas tentam alcançar e o modo pelo qual elas se organizam na tentativa de alcançarem tais objetivos.

## **2) O contrato de informação midiático e as visadas discursivas**

Charaudeau (1995) indica a necessidade de existência de uma espécie de contrato entre os parceiros de uma determinada situação comunicativa, a fim de que ela aconteça. Segundo o analista, os indivíduos devem pertencer a um mesmo corpo de práticas sociais e assim, estarão em condições de utilizarem e reconhecerem as representações languageiras relacionadas a essas práticas. Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 132) definem o contrato como:

O conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (qualquer que seja sua forma, oral, escrita, monolocutiva ou interlocutiva). É o que permite aos parceiros de uma troca languageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias).

O contrato comunicacional compreende, pois, uma série de convenções e restrições existentes entre os parceiros, definidas nas instâncias de produção e recepção discursivas. As condições para a efetivação de um ato de linguagem, isto é, os elementos do contrato, pertencem tanto ao nível situacional quanto ao nível discursivo. De acordo com Machado (2006, p.18), um ato de linguagem “deve ser visto não só pelo fato de conter um “Eu” que se dirige a um “Tu”, em determinado lugar e hora, mas, também como algo carregado de uma intencionalidade e motivado por uma visada de influência.

Em síntese, Charaudeau (1995) nos alerta que, para compreendermos o contrato de comunicação, devemos observar os seguintes elementos:

- a) a *finalidade* das trocas languageiras, isto é, a visada daquela situação comunicativa.
- b) a *identidade* dos parceiros, ou seja, as identidades sociais e discursivas dos envolvidos na situação de comunicação.
- c) o *propósito*, isto é, o tema sobre qual se fala ou se pretende comunicar.
- d) o *dispositivo*, que trata das circunstâncias e quadros de referência no qual se insere a atividade languageira em questão.

Em relação à finalidade, deve-se procurar identificar o objetivo principal, isto é, a visada predominante. Charaudeau (2004, p.23) apresenta como principais, as seguintes visadas:

**QUADRO 1 – Caracterização das principais visadas discursivas**

TIPO DE VISADA	CARACTERIZAÇÃO DA VISADA
<b>Prescrição</b>	Marcada por uma intenção de querer “fazer-fazer” de alguém com autoridade para tal. O destinatário do ato de linguagem que possui essa visada encontra-se numa posição de “dever-fazer”. Ex: leis, receitas médicas; etc.
<b>Solicitação</b>	Caracterizada por um “querer-saber” de alguém que está em posição de inferioridade no que se refere ao objeto do saber, em relação àquele a quem se dirige. Todavia, a demanda de “querer-saber” é legítima, implicando no destinatário de tal ato uma posição de “dever-responder” a solicitação a ele dirigida. Ex: correspondência de um cliente a uma instituição bancária referente a uma cobrança indevida.
<b>Incitação</b>	Esta visada é característica do ato de linguagem na qual a instância produtora quer levar alguém a “fazer-fazer”, mas não pode por não possuir autoridade para tal. Sua única opção é incitar, sugerir, “fazer-querer” que seu destinatário deve, pois, agir de determinada maneira. Ex: discurso publicitário – procura agir sobre o destinatário a fim de fazê-lo comprar determinado produto.
<b>Informação</b>	O ato de linguagem caracterizado por essa visada procura “fazer-saber”. A instância produtora encontra-se legitimada para o desempenho de tal função e a instância receptora encontra-se na posição de “dever saber”. Ex. livros, reportagens, etc.
<b>Instrução</b>	Marcada por um querer “fazer-saber-fazer”. A instância produtora de tal ato tem autoridade e legitimidade para tal e a instância receptora está em uma condição de “dever saber-fazer”. Ex: manuais, normas de conduta, etc.
<b>Demonstração</b>	Essa visada é característica, sobretudo, de discursos científicos. O objetivo é provar, é mostrar a verdade sobre determinado assunto. A instância produtora possui autoridade e legitimidade para tal e a instância receptora deve receber essa demonstração e avaliá-la. Ex. relatórios de pesquisa, etc.

No que se refere às instâncias envolvidas em um ato de comunicação – instâncias de produção e recepção – Charaudeau (1992) postula que elas são distribuídas em dois circuitos: o circuito da palavra configurada, onde estão os “seres de palavra” e o circuito externo à palavra configurada, onde se situam os seres empíricos, psicossociais, ou seja, os sujeitos da ação, capazes de organizar o mundo real em mundo linguageiro.

No circuito externo, temos um sujeito-comunicante (EUC) e um sujeito-interpretante (TUI). Este é o espaço no qual os seres do mundo real vão acionar a palavra, levando em consideração os universos psicológicos, sociais e comunicativos em que estão envolvidos. EUC e TUI são então considerados como atores sociais, parceiros do ato de linguagem da palavra enunciada, são marcados por uma identidade psicossocial. Já no circuito interno, temos a dupla Eu-enunciador (EUE) e Tu-destinatário (TUD), que ocupa um espaço interno ou, em outros termos, o espaço do dizer; são seres de palavra que personificam os protagonistas da comunicação. Para uma melhor exemplificação de tais circuitos, Charaudeau (2008) propõe o seguinte esquema:

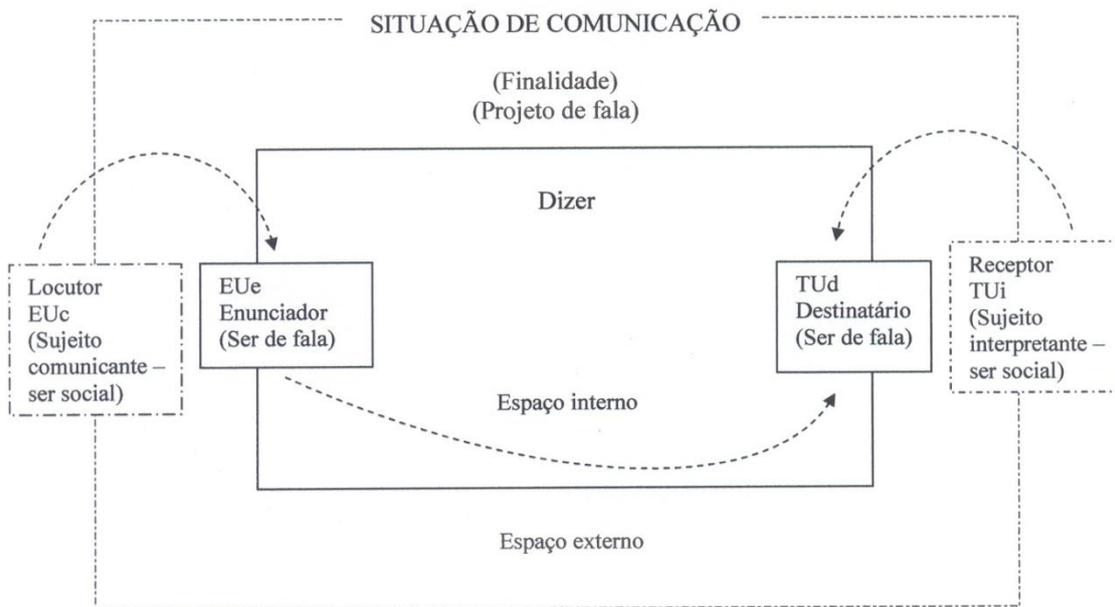


FIGURA 1 – Encenação do ato linguageiro  
Fonte: CHARAUDEAU, 2008, p.52.

Assim, para produzir um enunciado, o EUC organiza o mundo real em mundo de palavras. Para fazê-lo deve, pois, acionar um EUE que irá atuar em função de um TUD, um receptor idealizado para aquela troca comunicativa. O TUI é o sujeito real que estiver inserido naquela troca comunicativa. Caberá ao TUI, ainda, aceitar ou não esse enunciado.

Charaudeau (2006) comenta ainda que outros elementos devem ser observados e tendem a responder à pergunta “como dizer?”, em uma determinada situação comunicativa, a fim de que a troca seja estabelecida. Serão aqui definidos os comportamentos e papéis languageiros a serem adotados pelos parceiros da comunicação, bem como as diretrizes para a organização do discurso: os modos de organização, as restrições linguísticas em função dos gêneros escolhidos, etc.

Todavia, não é só de estruturas determinadas que o contrato é constituído. Existe um espaço de manobras no qual se estabelecem as estratégias discursivas dos parceiros do ato de linguagem. Este espaço de manobras é marcado pela intervenção do sujeito e está relacionado ao projeto de fala dele, às suas expectativas, posicionamentos e imaginários sociodiscursivos.

### **3) Análise das reportagens**

O material selecionado para análise são três reportagens do telejornal MGTV 1ª edição, exibido pela TV Integração de Juiz de Fora, situada em Minas Gerais. O telejornal tem duração de 45 minutos, com início às 12:05 e término às 12:45 da tarde e seu público abrange o Campo das Vertentes e a Zona da Mata de Minas Gerais. As reportagens fazem parte do quadro MGTec, exibido semanalmente pelo telejornal (todas as quartas-feiras), que tem como temática principal a ciência e a tecnologia.

Segundo Matinez (1998, apud ALBERGUINI, 2007), a tecnologia se refere a um conjunto de conhecimentos que contribuem para a distribuição de bens e serviços. Dessa forma, ela se caracteriza como um sistema de conhecimentos técnicos. Já a ciência, considerando ainda as contribuições de Martinez (1998, apud ALBERGUINI, 2007), pode ser definida como um conjunto de conhecimentos que tratam especificamente sobre a natureza e a sociedade. Na visão de Longo (1996)<sup>ii</sup>, a tecnologia é o reflexo de um conjunto de conhecimentos científicos, empíricos ou intuitivos, que devem ser aperfeiçoados para se obter eficácia em sua empregabilidade. Para que essa eficiência seja atingida, é preciso alinhar o conhecimento tecnológico ao conhecimento científico, sendo este último capaz de dar suporte no processo de usabilidade dos bens e serviços tecnológicos. Nesse sentido é que se nota a aproximação entre esses dois conceitos. Entretanto, as duas áreas consideradas apresentam elementos que as diferem entre si. Com base nos apontamentos de Bunge (1980), a diferença entre ciência e tecnologia está no fato

de que a primeira se concentra na explicação da realidade a partir de leis, enquanto a segunda controla determinados segmentos da realidade, tendo alguns conhecimentos como aliados nesse processo de controle (inclusive o conhecimento científico).

Contudo, é importante compreender que, mesmo apontando elementos que caracterizem ciência e tecnologia como campos distintos do saber, o fato de estarem atreladas configura um quadro em que não se deve pensar uma em separado da outra.

A ciência e a tecnologia relacionam-se mutuamente, de modo que uma depende da outra para o próprio desenvolvimento de cada uma delas. De acordo com Solla Price (1980), a ciência sem a tecnologia é estéril e, em diversos casos em que a sociedade decidiu pagar pela tecnologia, que dava maior retorno econômico imediato, e desprezar a ciência, a tecnologia entrou em coma. (ALBERGUINI, 2007, p. 56)

Neste artigo, preferimos nos ater às discussões acerca do conhecimento tecnológico e sua divulgação em âmbito regional, a partir do conteúdo veiculado pela TV Integração de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Para efeitos de análise, a discussão esteve detida às edições do MGTec exibidas em janeiro de 2013, que foram disponibilizadas no site da emissora<sup>iii</sup>. Levamos em consideração as visadas discursivas propostas por Charaudeau (2004), pontuando qual das visadas se sobressaía em cada uma das reportagens. Além disso, identificamos em cada matéria os dados externos do contrato de comunicação (identidade, finalidade, circunstância e propósito). Dessa maneira, a seguir são apresentadas as considerações acerca do material coletado.

### **3.1 MGTec – 02 de janeiro de 2013<sup>iv</sup>**

A primeira reportagem do *corpus* se intitula “Backup dos arquivos evita transtornos, diz técnico de Juiz de Fora”. A reportagem foi exibida em 02 de janeiro de 2013, dentro do quadro MGTec, do MGTV 1ª edição. Nela, aborda-se a importância de cuidados tecnológicos para não ocorrer perda de dados importantes, geralmente armazenados em computadores e celulares. Há uma orientação de como agir, como realizar backups, e com qual a frequência as pessoas devem executar essa ação preventiva. A reportagem teve duração de dois minutos e dez segundos.

Começamos a análise pelo âmbito dos dados externos. Quanto à identidade dos sujeitos envolvidos, pode-se considerar o EU comunicante como sendo a TV Integração, emissora responsável por emitir o discurso em questão. O EU comunicante é compósito

por englobar também os profissionais que fizeram parte da produção do material (tais como editor e produtor). O EU enunciador é a jornalista que aparece na reportagem (no caso, a jornalista Letícia Duarte, que assume o papel de representante da empresa e dos funcionários e é através dela que se entra em contato com o público). Há marcas visíveis que comprovam essa identidade, tais como o microfone com a logomarca da empresa, os créditos inseridos na reportagem e a presença da jornalista em cena, executando ações que ativam na memória de quem assiste o gênero reportagem. Todavia, o EU enunciador também pode ser percebido como um sujeito compósito, pois ainda engloba as fontes que também assumem um espaço de fala no discurso. Inclusive o enunciador jornalista recorre a enunciados da fonte técnica para ratificar suas informações, como ocorre, por exemplo, no seguinte trecho, dito pela jornalista Letícia Duarte: “De acordo com o técnico de informática, a atualização das cópias de segurança deve ser feita de acordo com a necessidade de cada um.”

No outro âmbito do processo comunicativo está a instância de recepção. Analisando a reportagem e buscando pontuar como o TUd aparece, é possível dizer que o TU destinatário idealizado pela instância de produção é formado por pessoas comuns, que não apresentam conhecimento técnico suficiente sobre a área abordada, por isso a necessidade de orientá-los. A partir de informações divulgadas pela própria emissora<sup>v</sup>, a audiência é composta majoritariamente por pessoas pertencentes à classe C (59% da audiência), sendo ainda 8% da audiência oriunda das classes D e E. Além disso, 36% dos telespectadores da TV Integração têm 50 anos ou mais – sendo a maior fatia da audiência em termos de faixa etária. Nesse sentido, a construção do texto televisivo é organizada de maneira a facilitar a decodificação por parte de tal público, geralmente não familiarizado com temas de caráter científico e tecnológico. O TU interpretante é, de fato, quem teve contato com a matéria exibida pela emissora e que tipo de informação ele pode reter sobre o tema. Assim, vale ressaltar que o TU interpretante e o TU destinatário são distintos, que podem coincidir ou não.

No que se refere às visadas, podemos observar que reportagem apresenta uma visada prescritiva, o que caracteriza sua finalidade enquanto discurso midiático. No caso, o locutor busca evidenciar a necessidade de se manter em dia as atualizações de backups para não enfrentar problemas mais sérios em momentos posteriores. Para validar suas prescrições, ele se vale de sua autoridade de conhecedor de assuntos de informática (bem destacada nos geradores de caracteres que o definem como “técnico em informática”, na

fala da repórter – que o define como “especialista” – e também no próprio título da reportagem, que o trata como técnico. Todas essas conceituações legitimam a fala do profissional. Tal visada é confirmada com a instância de produção levando até a instância de recepção conteúdos referentes a tecnologia e como proceder nesse aspecto (no caso, como fazer backups). Por isso é constante na fala do especialista uma organização discursiva de caráter prescritivo, corroborada em afirmações como “(...) é importante fazer o backup diário” ou “Você pode usar o próprio pen drive (...) ou você pode fazer também numa nova modalidade que tem, que é nas nuvens”.



FIGURA 2 – O especialista indica o uso do pen drive na hora de fazer backup

Fonte: site da TV Integração

Ele ainda indica em quais casos o backup deve ocorrer com maior regularidade, o que demonstra domínio do locutor por parte do assunto e lhe confere credibilidade para tratar do tema, como se nota no trecho a seguir: “Se for uma pessoa que estiver usando, digitando diariamente, fazendo, por exemplo, uma monografia, ou outros trabalhos parecidos, escolares, é importante fazer o backup diário”. Essas ocorrências discursivas buscam instruir o destinatário a agir de determinada forma, dando-lhe orientações.

Se a instância de produção idealiza um receptor (TU destinatário) leigo no assunto, logo ela o instrui sobre como agir quando se trata de tecnologia. No caso exemplificado, a

figura do especialista em informática assume tal função de indicar os passos para o público seguir no que se refere às questões de realização de backups e procedimentos necessários. A presença do especialista evoca novamente a credibilidade e legitimidade – tal qual a TV as tem e pode emitir um discurso, o especialista apresenta legitimidade porque está munido de saberes específicos (saberes de conhecimento) e pode tomar a palavra quando o assunto é tecnologia.

O propósito da reportagem se expressa em indicações sobre como proceder para executar um backup de arquivos em computadores e celulares. Dessa maneira, leva em conta critérios de atualidade (pois trata de uma questão recente, visto que aparelhos tecnológicos e seus problemas técnicos são processos novos e recorrentes) e sociabilidade (o assunto interessa a uma parcela extensa da população).

A circunstância se configura como o suporte no qual o discurso é transmitido, no caso, a TV. Todos esses itens (identidade, finalidade, propósito e circunstância) caracterizam a situação de comunicação à qual o discurso está ligado, demonstrando uma ancoragem social – ou seja, pontuando elementos que vão além do texto para entendê-lo em seu contexto.

### **3.2 MGTec – 09 de janeiro de 2013<sup>vi</sup>**

No dia 09 de janeiro de 2013, o MGTec exibiu a reportagem “Internet é utilizada a serviço da solidariedade em Juiz de Fora, MG”. Nela, aborda-se a temática das redes sociais como ferramenta para auxílio em questões sociais. Especificamente, dois temas são tratados na matéria: a briga entre gangues rivais em Juiz de Fora e como, graças à internet, um vídeo feito por um jovem da cidade circulou bastante e nele o jovem estimula o fim das brigas; a outra temática é a proteção aos animais, tendo nas redes sociais uma forma de localização dos donos de animais perdidos. A reportagem teve duração de quatro minutos.

Tendo em vista os dados externos do contrato de comunicação, pode-se afirmar que o EU comunicante permanece mantendo um caráter compósito, tal qual na reportagem anterior. O EU comunicante se apresenta na figura da TV Integração, juntamente com os jornalistas e profissionais vinculados à produção da matéria. Já o EU enunciador é representado pela jornalista Cláudia Oliveira, que assume a posição de enunciador compósito ao lado das fontes apresentadas na matéria. Com relação às fontes, elas são identificadas como estudantes (Elias Arruda e Cristina Cardinelli), o que lhes confere um

status popular, não dotado de valores que lhes permitam impor pontos de vista (saberes de conhecimento como no caso de especialistas) ou instruir as ações do público. Já o depoimento da Presidente da Associação Protetora dos Animais, Maria Eliza Souza, adquire teor de fonte oficial dentro do contexto da reportagem.



FIGURA 3 – A repórter explica sobre o grupo de proteção a animais e traz dados sobre ele  
Fonte: site da TV Integração

Quanto aos receptores da mensagem, o TU destinatário é, novamente, uma instância idealizada, composta por duas classes de pessoas: as interessadas em ajudar animais e aqueles interessados em reverter quadros de violência entre gangues. Dentro do perfil de audiência da emissora, não é possível considerar apenas uma ou outra fatia do público como ideal para ser receptor desse material. Assim sendo, a audiência é heterogênea e fragmentada por faixas etárias distintas, bem como classes sociais diversas.

Entretanto, a caracterização do ambiente em que se trata da temática de violência entre gangues condiz com uma realidade de classes mais baixas, o que direciona a matéria para membros das classes D e E (que representam 8% da audiência). Ainda nessa parte da reportagem, por se tratar de briga entre jovens pertencentes a gangues, a matéria se dirige a adolescentes (9% da audiência é formada por jovens entre 12 e 17 anos). O TU interpretante são os espectadores que realmente tiveram contato com a reportagem, algo não mensurado neste trabalho por não ser nosso foco de pesquisa.

Como a reportagem analisa situações específicas de Juiz de Fora, logo o público idealizado pela instância produtora está geograficamente localizado na cidade e, portanto, possivelmente se interessa pelos assuntos de cunho social referentes ao local. Nesse sentido, a reportagem se caracteriza pela visada informativa, no intuito de levar ao público informações que lhe sejam relevantes. A instância produtora quer “fazer saber” – ou seja, quer transmitir um conteúdo sobre o qual a instância de produção tem legitimidade para abordar – e TU se vê numa condição de “dever saber”, posto que é imaginado pelos produtores como sendo um público localizado em Juiz de Fora, interessado em obter as informações transmitidas (referentes a cuidados com animais abandonados em Juiz de Fora e ainda com relação às brigas de gangues da cidade). Logo na chamada da matéria, dita pela jornalista Camila Saenz, nota-se a visada informativa, pois ela destaca que, na reportagem, “vamos conhecer duas histórias aqui de Juiz de Fora que utilizaram esse canal [as redes sociais] para protestar e ajudar”. Com isso, leva ao conhecimento público aquilo que se quer transmitir, o “fazer saber”.

Entretanto, há outras passagens que deixam clara a visada informativa que caracteriza a reportagem, como nos momentos em que a repórter transmite dados ou informações específicas sobre as situações abordadas. Ao dizer que o vídeo produzido por um jovem da cidade que combate a violência entre gangues atingiu a marca de sete mil visualizações em uma semana, a repórter traz uma informação específica da situação, levando-a ao conhecimento coletivo. Em outro momento, ela destaca o número de pessoas envolvidas com a página de proteção aos animais: “São quase mil pessoas que trabalham em prol de animais que foram abandonados ou que fugiram de casa”, levando até a instância receptora um dado, que diz respeito à realidade local, logo é de interesse da comunidade local (“dever saber” sobre os acontecimentos e ações sociais ocorridas na cidade).

A finalidade do processo comunicativo em questão é de caráter informativo, ou seja, fazer saber, com base na credibilidade que uma emissora de televisão possui para exercer tal função. No caso, a TV (exemplificada na figura da TV Integração) é um meio que possui credibilidade para transmitir informações e saberes. A reportagem, nesse sentido, está transmitindo saberes relativos a problemas sociais e é legítima em seu posicionamento. Por outro lado, o público receptor está na condição de receber tal conteúdo – TU está em posição de dever saber o que a emissora transmite através da reportagem.

O propósito da reportagem se fundamenta em ações executadas por pessoas comuns da sociedade, num processo de construção do acontecimento midiático. Ou seja, questões sociais ganharam espaço na mídia por conta da transformação do acontecimento em processo evenemencial (CHARAUDEAU, 2006). Tratar de problemas relativos a animais e desavenças entre grupos de jovens só se consolidam como notícia quando passam por um processo de modificação e adquirem nova significação. Por fim, a circunstância é a própria TV, que emite o discurso em questão.

### **3.3 MGTec – 16 de janeiro de 2013<sup>vii</sup>**

A reportagem exibida em 16 de janeiro de 2013 no quadro MGTec, intitulada “Tecnologia deixa a prática de escalada mais rápida e segura, afirmam instrutores”, abordou o esporte atrelado à tecnologia. Nela, aborda-se como a tecnologia pode ajudar na hora da escalada, tendo em vista que alguns recursos tradicionais (como cordas, roupas especiais, ferramentas de comunicação entre escaladores e outros objetos específicos do esporte) são melhorados graças aos avanços tecnológicos. A reportagem teve duração de três minutos e quinze segundos.

Com relação aos dados externos da matéria, o EU comunicante mantém um caráter compósito, representado pela TV Integração e os profissionais envolvidos com a elaboração do material. Quanto ao EU enunciador, há também um caráter compósito verificado nas figuras das fontes entrevistadas e da própria figura do jornalista (neste caso, o repórter Inácio Novaes).

No âmbito da recepção, o TU destinatário é formado por pessoas ligadas ao esporte, interessadas em praticar escalada, mas de uma maneira segura. Essa idealização do público receptor leva em conta os possíveis espectadores do material, tendo em vista a heterogeneidade da audiência da emissora. Por se tratar de uma prática esportiva que exige maior esforço físico, ela é pensada para públicos mais jovens – nesse sentido, pessoas com idade entre 18 e 34 anos representam cerca de 26% da audiência da TV Integração. O TU interpretante, contudo, corresponde aos espectadores que assistiram ao material, independente de faixa etária e se nutrem ou não interesse por esportes.



FIGURA 4 – A reportagem indica os equipamentos que devem ser usados na escalada

Fonte: site da TV Integração

A finalidade do processo comunicativo abordado é instrutiva, pois leva em consideração a legitimidade das fontes utilizadas para, de fato, instruir o público idealizado pela reportagem a como agir quando for escalar em locais fechados (escalada *indoor*). Uma das instruções dadas pelos profissionais é a importância de se ter uma técnica específica para realizar a atividade. O instrutor afirma que “não adianta você ser todo forte se você não tem técnica. Se você não tem técnica, antes de terminar a via, você já cansou”. As fontes utilizadas possuem, além de legitimidade para transmitir o conhecimento, autoridade no quesito esportivo, uma vez que são profissionais da área. Na própria fala do repórter é possível identificar trechos de instrução, como, por exemplo, quando ele pontua os elementos que os interessados no esporte devem usar, tais como mochila impermeável, roupas específicas, “sapatilha com solado aderente para evitar escorregões”. Todas essas pontuações são reforçadas pela fala do instrutor, que enfatiza a importância de se usar esses produtos e as roupas especiais que “são malhas super leves, super finas, justamente estão ali para dar esse maior conforto pra gente”.

Há ainda outro ponto importante quanto a identidade dessas fontes: elas não atuam como especialistas (como se viu na primeira reportagem analisada), mas são instrutores, o que quer dizer que dão dicas, sugerem ações – e tais fontes são identificadas pela própria

reportagem como sendo instrutores, demarcando o lugar de fala desses profissionais e o papel assumido por eles nesse contexto específico.

A presença dos instrutores garante a credibilidade do discurso construído pela emissora, de modo a orientar as ações dos esportistas interessados em praticar escalada. Conforme pontua Charaudeau (2004), o sujeito comunicante, nesses casos, tem autoridade para expor argumentos e proposições.

O propósito da reportagem é tratar das questões referentes à prática de escalada, dando orientações (instruções) para quem nutre interesse pela área. E a circunstância, conforme se pontuou nas matérias anteriores, é também a TV (localizada em Juiz de Fora).

#### **4) Considerações finais**

As reportagens analisadas permitem verificar algumas tendências entre elas, tais como a manutenção de identidades compósitas, corroboradas nas figuras do EU enunciador e EU comunicante – que assumem lugares de fala na figura da própria emissora e seus repórteres, bem como na figura das diversas fontes utilizadas nas matérias. Entretanto, em todos os casos a TV Integração se confirma como sujeito enunciador. Além disso, o TU destinatário e o TU interpretante das três matérias se caracterizam como instâncias distintas, que podem coincidir ou não, porém a comprovação ou negação dessa coincidência não foi objeto de discussão neste artigo.

Outro ponto a se ressaltar é o fato do TU interpretante das reportagens não serem mensurados, pois seria necessária a aplicação de um estudo de recepção profundo e extenso, inviabilizado por razões diversas. Mas o foco do trabalho não se ateve a tal tipo de análise, apenas nos atemos a afirmar que tais espectadores correspondem ao âmbito do real, da audiência corporificada.

É importante também entender que este trabalho não teve a pretensão de classificar rigorosamente cada uma das reportagens selecionadas, inviabilizando nelas o reconhecimento de outras categorias do processo comunicativo. Apenas optou-se por um recorte metodológico que enfatizasse as visadas discursivas e os dados externos do contrato de comunicação. Por isso, buscou-se caracterizar as visadas discursivas com relação aos aspectos preponderantes em cada matéria, sabendo-se que uma mesma matéria apresenta elementos típicos de visadas distintas (por exemplo, a visada prescritiva não anula a presença da visada informativa na reportagem selecionada).

Com relação ao gênero, todas elas se classificam como reportagem de televisão, que apresentam como restrições formais a necessidade de se estruturar um discurso verbal de modo bastante objetivo, simplificado e de fácil assimilação pelo público. Assim sendo, segundo Charaudeau (2004), existem regras de produção linguageira que orientam a construção de discursos, porém há uma flexibilidade possível, que confere a cada discurso em específico a sua singularidade. Nos casos apresentados, as reportagens de televisão recorrem a marcas formais típicas do gênero – tais como apresentação de fontes que comprovem e exemplifiquem os assuntos tratados, a relação entre texto e imagem apresentados, a presença de um repórter, o tempo de duração da matéria, dentre outros. Esses elementos ajudam na composição da visada discursiva de cada um dos discursos analisados.

Quanto aos dados internos, a instância de produção deve justificar seu espaço de fala e porque possui o domínio da palavra. Nos exemplos apontados, isso se justifica porque a emissora possui a credibilidade e a legitimidade necessárias para explicitar informações, instruções e outros apontamentos. No que se refere à relação estabelecida com o destinatário, partindo do estilo de texto que é construído, é possível dizer que o posicionamento com relação aos receptores se dá numa espécie de aliança, e não de oposição (a emissora buscando se fazer entendida, compreendida por parte de seu público). Quanto à tematização, as reportagens apresentam os assuntos de forma clara, objetiva, valendo-se de marcas formais típicas desse gênero televisivo.

Por fim, podemos dizer que as questões tecnológicas assumem visadas distintas no discurso televisivo, a depender do enfoque dado e pretendido pela instância de produção. Para transmitir conteúdos relativos à tecnologia e, dessa maneira, popularizá-los, a TV assume seu papel de mediadora no contrato de comunicação, valendo-se de mecanismos facilitadores na construção do discurso, ou seja, a utilização de linguagem simples, aliada a personagens (fontes) que legitimem os processos tecnológicos em questão. Assim sendo, o jornalismo científico e a produção telejornalística se aliam numa composição voltada para a popularização desse saber específico.

## 5) Referências

ALBERGUINI, Audre Cristina. A ciência nos telejornais brasileiros: o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I. Tese (Doutorado em Processos Comunicacionais) –

Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

BELDA, Francisco Rolfsen. A informação científica no noticiário: um estudo dos mecanismos de reformulação lingüística influentes no discurso jornalístico de divulgação. In: **Revista Comunicarte**, nº 25, volume 1. Campinas. PUC-Campinas, 2002.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes (ECA), USP. São Paulo, 1984.

BUNGE, Mário. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (orgs). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. Ce que communiquer veut dire. **Revue des Sciences Humaines**, n. 51, p. 20-23, 1995.

\_\_\_\_\_. **Grammaire du sens et du discours**. Paris : Hachette, 1992.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

LONGO, W.P. **Conceitos Básicos sobre Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: FINEP, 1996. v.1.

MACHADO, Ida Lúcia. Algumas reflexões sobre a Semiologia. **Letras & Letras**, v. 22, p. 13-22, 2006.

PRETTO, Nelson. A ciência nos meios de comunicação. **Intercom – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v.16, n. 2, p. 87-105, jul-dez. 1993

ZAMBONI, L.M.S.. **Cientistas, jornalistas e divulgação científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores Associados, 2001.

---

<sup>i</sup> Este estudo integra o projeto “A linguagem da inovação: o papel do telejornalismo na divulgação da ciência e tecnologia na Zona da Mata de Minas Gerais”. O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) mantido pela Universidade Federal de Viçosa.

<sup>ii</sup> O conceito de tecnologia, na visão de Longo, pode ser encontrado no site do Finep: [http://www.finep.gov.br/o\\_que\\_e\\_a\\_finep/conceitos\\_ct.asp#indiceT](http://www.finep.gov.br/o_que_e_a_finep/conceitos_ct.asp#indiceT)

<sup>iii</sup> À época do início da pesquisa o site da emissora era [www.megaminas.com](http://www.megaminas.com). Atualmente, após um período de reformulações, o novo site da TV Integração/JF é <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/>

---

<sup>iv</sup> A reportagem em questão pode ser conferida no link <http://globo.com/tv-integracao-triangulo-mineiro/mgtv-1-tv-integracao/v/mg-tec-backup-dos-arquivos-evita-transtornos-diz-tecnico-de-juiz-de-fora-mg/2323513/>. Acesso em 17 de julho de 2013.

<sup>v</sup> Informações acerca do perfil da audiência da TV Integração de Juiz de Fora foram extraídas do endereço eletrônico <http://comercial2.redeglobal.com.br/feiradeeventos16/Paginas/exibidora.aspx?exib=97>. Acesso em 27 de julho de 2013.

<sup>vi</sup> A reportagem em questão pode ser conferida no link <http://g1.globo.com/videos/minas-gerais/triangulo-mineiro/mgtv-1edicao/t/zona-da-mata-e-vertentes/v/mg-tec-internet-e-utilizada-a-servico-da-solidariedade-em-juiz-de-fora-mg/2335503/>. Acesso em 27 de julho de 2013.

<sup>vii</sup> A reportagem em questão pode ser conferida no link <http://g1.globo.com/videos/minas-gerais/triangulo-mineiro/mgtv-1edicao/t/triangulo-mineiro/v/mg-tec-tecnologia-deixa-a-pratica-de-escalada-mais-rapida-e-segura-afirmam-instrutores/2349256/>. Acesso em 27 de julho de 2013.

